

Domingo, 12 de Agosto de 1956

RUBEM BRAGA

Grande Sertão

O GRANDE caso da literatura brasileira é agora, sem dúvida nenhuma, João Guimarães Rosa, que depois de «Sagarana» e «Corpo de Baile» publicou um romance chamado «Grande Sertão: Veredas».

Não tenho a menor vocação para crítico, mas mesmo um crítico de verdade haveria de pensar muito antes de escrever sobre esse livro, porque ele propõe questões múltiplas e finas. É um romance de quase 600 páginas, contado por um dos personagens, um ex-jagunço, sem nenhuma divisão em capítulo, e numa linguagem peculiar que a princípio tonteia o leitor. A princípio; depois que se acostuma com a batida o leitor vai se deixando levar fascinado pela conversa desse homem que produz uma espécie de encantamento de forte poesia.

A mim não me agrada o personagem central, Diadorim, um pouco anjo de Cocteau com chapéu de couro, e Otacília não chega a existir como gente. Mas o que interessa é o jeito de funcionarem os dois e os outros (alguns soberbos, inesquecíveis, como Zé Bebelô) dentro da vida de Riobaldo; o que interessa é o forte lirismo e também o rude tranco das cenas, o mistério, o susto, a emoção. Ao contrário do que pensa um amigo, sustento que esse livro poderia ser traduzido para qualquer língua, inclusive para a nossa corriqueira de cidade, perderia o agreste sabor da preciosa linguagem, mas deixaria mais desimpedida a visão dos homens com suas violências e tretas. Em qualquer língua será um forte romance de aventuras e apaixonante estudo da natureza humana; nada mais autêntico, afinal, que esse jagunço metafísico que reflete sobre a natureza do diabo (é um pan-satanista) e acha que «viver é muito perigoso».

Mas esperem aí: estou dando muito palpite e sinto que não forneço a menor idéia da riqueza monstruosa, orquestral, desse romance. Que o leia o leitor; «mire e veja», como diz o Riobaldo. Direi apenas que ele me deu orgulho da literatura brasileira e da sua grande força que se faz madura.